

**PEDRO GERALDO ESCOSTEGUY**

**A PALAVRA**

**E O**

**DANÇARINO**



## ***A PALAVRA E O DANÇARINO***



**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**

**Chanceler:**

*Dom Dadeus Grings*

**Reitor:**

*Joaquim Clotet*

**Vice-Reitor:**

*Evilázio Teixeira*

**Conselho Editorial:**

*Antônio Carlos Hohlfeldt  
Elaine Turk Faria  
Gilberto Keller de Andrade  
Helenita Rosa Franco  
Jaderson Costa da Costa  
Jane Rita Caetano da Silveira  
Jerônimo Carlos Santos Braga  
Jorge Campos da Costa  
Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)  
José Antônio Poli de Figueiredo  
Jussara Maria Rosa Mendes  
Lauro Kopper Filho  
Maria Eunice Moreira  
Maria Lúcia Tiellet Nunes  
Marília Costa Morosini  
Ney Laert Vilar Calazans  
René Ernaini Gertz  
Ricardo Timm de Souza  
Ruth Maria Chittó Gauer*

**EDIPUCRS:**

*Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor  
Jorge Campos da Costa – Editor-chefe*

# ***A PALAVRA E O DANÇARINO***

*Poema de*

**PEDRO GERALDO ESCOSTEGUY**

ILUSTRAÇÕES DE ENIO LIPPMANN



© EDIPUCRS, 2009

Diagramação: Gabriela Viale Pereira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E74p Escosteguy, Pedro Geraldo  
A palavra e o dançarino [recurso eletrônico] / Pedro Geraldo Escosteguy ; ilustrações de Enio Lippmann. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009.  
52 p.

ISBN: 978-85-7430-930-9  
Publicação Eletrônica  
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader  
Modo de Acesso: <<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Poesia Rio-Grandense.  
I. Lippman, Enio. II. Título.

CDD 869.9917

**Ficha Catalográfica elaborada pelo  
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS**



Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL  
Fone/Fax: (51) 3320-3711  
E-mail: [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
<http://www.pucrs.br/edipucrs>

## SUMÁRIO

1 – O mundo infantil .....	6
2 – O mundo juvenil .....	20
3 – O mundo adulto.....	35

# 1

O mundo infantil com seus  
símbolos.

Janela aberta para o dia.

À direita,

a atração da ponte.

A menina lê.

*(Partitura com motivos infantis.*

*Vozes universais.)*

VIDA — Faço soar o gongo  
irresistível  
que surpreende o tempo.

Faço crescer a planta  
pobre de seiva.

Faço sobreviver  
o olhar do naufrago.

Faço voltar a treva  
ou a luz.

DESTINO — Não te inquietes.  
O panorama abate,  
mas não destrói.

Vieste pelo caminho  
que busca horizonte  
e descanso.

Horizonte que cresce.  
Descanso fraudado.

Colunas de protesto,  
levantarás teus braços  
em busca de consolo.

Teus olhos procurarão ver  
o demônio da treva.

Jogarás contra cem  
teu punho exausto.

- Mas tuas lágrimas correrão  
para a terra,  
ávida de tudo que é seu.

MORTE — Minha oficina  
tem máquinas de sombra.

Sei secar a fonte  
e paralisar a força.

Sei findar o canto  
e a marcha.

Guardo o segredo  
que ajuda a preparar  
a essência nova.

Meus gênios  
têm asas de seda  
e olhos de tempo.



MENINA — Cresceu o dragão seus olhos de fogo  
( *lendo*) quando o príncipe chegou  
na caverna encantada.

A aurora já tecera  
véus de folha e cristal.

E os primeiros canários  
cantavam o mundo!

(*Fecha o livro.*)

O príncipe  
deve ser lindo como o José  
quando se veste de branco  
e forte como o artista do  
circo  
que dobra  
todas as barras de ferro!

CORO

IMUTÁVEL — Músculo e sangue, sim!  
Ninguém sabe o que são  
os canários do mundo.

MENINA — Ângela!  
Ângela!  
Está na hora de ir para  
a minha escola!

Hoje sou professora.

Vais aprender geografia.  
Vais fazer contas.

Vais sair comigo  
pela porta azul,  
a que dá para a ponte.

Hoje levaram a Florinha  
para visitar a tia que  
chegou  
e a mãe  
foi à florista.

VIDA — Hoje levarão flores  
para encostar na pedra  
onde gravaram  
saudades eternas.



MENINA — Quem mandou você gritar comigo, Ângela?  
Queres que eu te deixe de castigo,  
escrevendo cem vezes,  
que deves respeitar os mais velhos?

CORO

IMUTÁVEL — Tudo que fica velho  
reside na memória.

MENINA — Eu te perdoo porque sou boa.  
Ouviste bem?  
Tão boa que vou passar o teu  
vestido verde.

CORO

IMUTÁVEL — Tudo que se renova  
tem clamores de festa!

MENINA — Este vestido fui eu que fiz.

Eu tinha estado doente,  
com febre,  
quando aprendi a ser dona de casa.

Depois é que ganhei o trem,  
o armário  
o quadro-negro  
e o fogão a gás.

A Florinha tinha quebrado  
todos os outros brinquedos.

Foi quando te trouxeram  
do Rio, Ângela.

Hoje faço de conta que sou professora.  
Amanhã, não sei o que serei.

DESTINO — Amanhã, eu sei.

Hoje todos se interrogam  
angustiados,  
e eu, - sei.

A pergunta mora nos lábios  
quebrando o sorriso.

Cresce a dúvida.

Por onde passo,  
ouço o murmúrio de vozes  
querendo saber.

Os charlatões explicam,  
consultando os astros,  
as linhas da mão,  
os pêndulos,  
e as esferas de cristal.

Mulheres botam cartas  
cabalísticas  
e formam desenhos que respondem.

Homens estudam a evolução do que houve  
e deduzem  
o itinerário  
que parte da ponte.

Mas as abelhas organizam  
as colmeias e não perguntam nada.

MENINA — Sei sim.  
Amanhã vais visitar a Florinha,  
comigo.

Vou dizer pra ela  
que poderemos fazer um chá,  
como fazem os grandes.

Quando chegar vou dizer:  
Sou eu e minha filha.

CORO

IMUTÁVEL — Tudo que é tradição  
resplandece nos filhos!

MENINA — A Florinha nos manda  
sentar.

E depois do chá  
tu ficas conversando com a Iná  
enquanto passeamos na calçada.

Então vem a Carmem,  
o Carlos Alberto,  
o Chico,  
a Guiomar  
- e a gente brinca até de noite.

CORO

IMUTÁVEL — As crianças não sabem  
que a alvorada termina!

MENINA — A escola já está  
quase pronta.  
Um minuto mais  
e podemos começar.

VIDA — O começo está em todas  
as horas.

As imagens  
cansam quando se repetem  
e é preciso  
encontrar o que ainda não foi  
visto.

Minha tarefa é dar o início  
de todos os momentos.

Meu arsenal de coisas  
e sentidos  
é um manancial permanente.

Cuido apenas que não  
se perca  
o que a memória esquece.

MENINA — Diz mamãe:  
Mamãe.  
Muito mal.  
Diz de novo:  
Mamãe.  
Agora vamos escrever,  
parece que nunca pegou  
um lápis.  
Ma-mãe.  
Pa-pai.  
Ma-ri-za.  
Su-za-na.

*(Menina repete a lição,  
escrevendo no quadro-negro.)*

VIDA

*(enquanto a menina escreve)*

— As crianças do mundo  
estão divididas.

Não há casas para todas.

As crianças do mundo  
brincam com os resíduos,  
que ficaram  
depois que os adultos  
passaram em carros de ferro



e as botas ruidosas  
pisotearam  
barro tinto de sangue.

MORTE — As crianças do mundo  
estão divididas.

Tenho pedaços de crianças  
chorando  
a casa destruída.

DESTINO — Toquei os clarins  
que deixei fabricar  
para criar orquestras  
e bati tambores  
que deveriam ter  
marcado o ritmo  
das conquistas de paz.

Mas na página  
sublinhada de vermelho  
estava escrito  
que os homens  
tomariam o falso pelo verdadeiro  
e a loucura pela razão.

MENINA — Bem.  
Você agora  
vai dormir e sonhar,  
que eu tomarei  
o carro para ir às compras  
na casa da ponte.

MENINA

NA PONTE — Não senhor.

Eu quero um pedaço de fazenda  
cor do céu, entendeu,  
para pôr franjas de ouro  
no vestido de Ângela.

E quero também uma dúzia,  
conte bem - uma dúzia  
de lantejoulas de todas as cores  
para dar brilho.

CORO

IMUTÁVEL — Ritmo, forma e brilho  
pulam das mangas do mágico!

MENINA

NA PONTE — Ângela vai fazer uma visita  
comigo na casa de Florinha  
e a minha filha tem que ser  
a mais linda de todas!

Quero também uma bolsinha  
vermelha  
e um pregador de pedras  
igual ao que a mamãe  
ganhou.

Sim, quero também um sapatinho  
amarelo, bem macio, para os  
pezinhos de Ângela.

VIDA — As crianças do mundo  
estão divididas.

DESTINO — As crianças do mundo  
podem brincar com todos os sonhos.

MORTE — Existem  
crianças no mundo  
que não têm ânimo para sonhar.

MENINA

NA PONTE — Quando eu for moça  
farei as minhas compras de verdade.

Terei um carro como o do pai  
do Chico  
com chofer e tudo.

Quando eu passar  
vão dizer: sabem quem é esta?

Esta é a Mariza  
e quem vai com ela é a Ângela,  
sua filha.

Mariza é a dona do automóvel,  
a dona da casa,  
a dona da rua onde ela mora!

Quando eu for grande  
vou ter um jardim  
só meu,  
um vestido cheio de pedras  
de brilho,  
só meu,  
e em cima de uma montanha  
que eu vou mandar fazer,  
vou ter um castelo com guardas  
igual ao do príncipe,  
igual ao do príncipe. (*Deita a cabeça*)

VIDA — O primeiro sonho  
está na página mais antiga.

DESTINO — Deixo que  
a realidade  
tome de quando em vez  
a estrutura de um sonho.

MORTE — Mas o tempo  
tem dimensões que eu  
calculo  
segundo lei irrevogável.

## 2

O mundo juvenil, com seus  
símbolos.

No último plano, janela vedada  
para a noite.

À direita, a atração da ponte,  
A mocinha lê.

*(Partitura com motivos juvenis.  
Vozes universais).*

VIDA — Depois do começo  
faço flores e frutos,  
corro líquida entre os campos  
para mitigar a sede,  
e me transformo  
em pássaro e vento.

Me transfiguro no ar  
para me dar inteira  
e onde vou  
pode haver canto  
e coragem.

Às vezes a incompreensão  
me aniquila.

Cortam-me, como se fosse  
maléfica,  
secam-me na carne  
pobre de alma.

Ou me transformam  
com ventos, pólenes e chuvas  
artificiais.

Saio então pelo fundo das casas  
sem jardim,  
ouvindo estalar nas minhas asas  
látegos de ironia,  
invisível aos olhos das moedas de prata.

DESTINO — Eu mantenho os registros  
do fato.

Estabeleço  
o arquivo exato.

Tenho olhos universais  
postados no ponto  
em que se equilibra  
o ser  
e o não ser.

Meu poder  
é de propriedade de todos  
mas os homens escolhem  
os rumos  
que vão ao bem  
ou ao mal.

Eu, — sei —, simplesmente.

MORTE — Eu atendo à insinuação  
do tempo,  
apago todas as lâmpadas  
que serão esquecidas,  
e dissolvo os nervos  
da angústia.

Bate o meu coração  
nas trevas subterrâneas  
onde não mora  
riso nem pranto.

Chego na hora exata  
com meus instrumentos de silêncio.

MOCINHA  
(*lendo*) — “Minha boa amiguinha:  
Não sei se receberás  
esta carta,  
mas te escrevo  
com o pensamento  
fixo no teu desejo  
que eu volte.”

CORO  
IMUTÁVEL — Todos os moços sabem  
bem cedo os segredos do amor.

MOCINHA — “Já terminei  
o estágio de voos noturnos  
e recebi um elogio  
de segurança e decisão.

Estou designado para  
a esquadrilha do Falcão Dourado  
em que cada componente  
tem um registro de honra  
no quadro de operações  
do Estado-maior.  
Quando receberes esta carta...”

CORO

IMUTÁVEL — Todos os homens são soldados.  
Devem lutar para vencer!

MOCINHA — Carta do Chico!

O Chico me deu aquela  
folhinha no Natal passado  
para me lembrar dele  
todos os dias.

Me deu também um cravo  
vermelho  
quando foi chamado  
para o contingente  
que deveria partir.

Ele passava por aqui  
todas as tardes  
no carro do pai.

O Chico me perguntou uma coisa,  
mas eu não soube responder.



O Carlos Alberto também  
perguntou.

Eu também perguntei para mim  
mesma e não sei responder.

CORO

IMUTÁVEL — Todos dizem que não,  
mas a verdade não se esconde.

MOCINHA — Não.  
Acho que casarei com Chico,  
bonito,  
fardado.

Os amigos do Chico farão um caminho  
de espadas...

DESTINO — Não encontro as anotações de Chico.

MORTE — Na noite passada  
a esquadrilha do Falcão  
Dourado realizou com êxito  
o raide aéreo mais perigoso  
do período das chuvas.

Já no regresso  
caças a jato do inimigo  
atingiram a esquadrilha,  
perdendo-se todas as máquinas.

Chico saltou de paraquedas  
mas foi metralhado antes de  
chegar ao solo.

O Estado-maior conferiu-lhe  
passadeira de prata  
por ato de bravura.

Chico está diluído  
no meu silêncio surpreendido.

MOCINHA — Sim. Casarei com o Chico!

CORO

IMUTÁVEL — Casarás com o Chico!



Os amados dão-se por amor  
à expectativa!

MOCINHA — Casarei com o Chico...  
na volta.

Florinha vai ficar triste  
porque o noivo dela  
não é herói  
nem nada.

CORO

IMUTÁVEL — Nem nada! Os homens devem saber  
desafiar o perigo!

MOCINHA — Quando todos se foram,  
ele ficou  
trabalhando nas aulas  
de plantio do trigo,  
porque a guerra  
é para homens fortes  
e elegantes como o Chico.

O trigo é necessário,  
mas o Chico...

CORO

IMUTÁVEL — Os homens devem lutar  
para serem heróis!

VIDA — Minhas plantações estão destruídas  
na metade do mundo.

Os homens não querem  
a alegria das sementes  
nem a fartura  
dos celeiros repletos.

Plantam cada vez menos  
com máquinas cada vez mais potentes.

A carência de víveres  
debilita o meu trabalho.

Forjam-se  
esquemas  
que salvem privilégios,  
e guerras que salvem  
os donos das máquinas,  
embora  
os homens que eu fiz viver  
morram cobertos de sangue.

Os filhos dos homens que eu também  
fiz viver  
aguardam a chegada dos víveres  
que não transporão  
o planejamento dos bloqueios.

Benditas as mãos que voltam  
à terra.

Benditos os que plantam e descobrem  
tanta fertilidade abandonada.

MOCINHA — Quando vencer o inimigo  
o Chico voltará!  
Contarei os dias,  
esperarei semanas.

Vou plantar cravos no meu jardim  
só porque o Chico  
me deu um cravo.

Ouviste, Ângela?  
Quando o Chico voltar...

Você não acha  
que o Chico poderia ter  
ficado  
ajudando no plantio?

Não.  
la sentir-se só  
nas ruas desertas.

O Clube fechou.  
Fecharam os cafés.  
Cinemas — para quem?  
O Chico está com todos os amigos.

Aqui, quando anoitece,  
as luzes devem ficar apagadas,  
e as cortinas têm que ser pretas  
como se a gente estivesse de luto.

Meu colégio é um hospital  
de doentes que eu não posso visitar  
porque são muito feios.

CORO

IMUTÁVEL — A noite sempre foi trágica.  
Vagam espectros mortos e vivos.

MOCINHA — Eu quis trabalhar  
mas eles não deram licença.  
Você me entende?

Eu arrumo a casa,  
eu passo a roupa a ferro  
eu estudo francês  
para um dia ir à França  
eu sou quase noiva do Chico  
e não me deixam trabalhar!

Papai fuma cigarros como nunca!  
E todas as  
noites  
faz exercícios de incêndio.

Mamãe é a primeira que vai ler  
os avisos de baixas.

Eu tinha a Florinha, para conversar,  
mas agora ela ajuda o noivo  
lá fora.

Como eu gostaria que você entendesse  
as coisas.

Como eu gostaria que você falasse,  
Ângela.

Mas você nem se mexe!

Eu cresci  
e você continuou a ser de  
brinquedo.

VIDA — Há crise de entendimento.

As bombas destruíram  
as estradas que eu fiz  
para que os homens se aproximassem.

As bombas destruíram  
as pontes que eu sugeri  
para que as margens se unissem  
em novos caminhos.

As bombas custam o trabalho  
dos homens invalidados  
com os estilhaços de bomba.

MOCINHA — Escreverei ao Chico  
um cartão-postal  
dirigido  
para o Estado-maior.

Eles sabem onde está o Chico!

CORO

IMUTÁVEL — Sim, eles sabem onde está o Chico!  
Não há mistério para os comandantes.



MOCINHA — Será fácil.  
Vou responder à pergunta  
que ele fez.

Agora ele é oficial  
da esquadrilha do Falcão Dourado.  
Nesta hora...

MOCINHA

NA PONTE — Nesta hora a esquadrilha  
levanta o voo.

No céu  
o ruído dos motores  
é soturno  
e triste.

Mas os amigos de Chico  
devem ter orgulho da formação  
noturna  
fazendo evoluções de despedida.

Sinais luminosos  
enviarão mensagens,  
como se fossem lenços,  
lenços...

CORO

IMUTÁVEL — Formação noturna!  
Sondagem maravilhosa  
de terras desconhecidas!

VIDA — Na noite passada  
os refletores riscavam os céus  
procurando localizar  
aviões que vomitavam  
ferro e fogo  
nas ruas  
iluminadas por línguas ardentes.

Mães seguravam as crianças  
que de um instante para outro  
pagavam com fragmentos humanos  
a dívida de ódio  
da geração alucinada.

DESTINO — Estava escrito que os caças  
ligeiros  
alcançariam  
a esquadrilha do Falcão Dourado.

Sabia que os tratados de paz  
não conseguiriam alterar  
a estratégia metálica  
dos senhores do mundo.

MORTE — Reino sobre o silêncio  
onde retumbam explosões  
que eu preciso calar.

Meu trabalho não necessita  
de cúmplices  
mal adestrados,  
nem de monstros de aço  
que se movem com ódio.

Detesto a ação do carrasco  
que destrói o templo incompleto.

Estranho  
o primarismo das ordens  
que mistificam os meus métodos.

Minha ação,  
tremenda e perfeita,  
não deixa vestígios  
de pólvora, gás e bactéria.

Cumpro a minha missão  
sem gerar o extermínio.

### 3

O mundo adulto com seus  
símbolos.

Janela aberta para a madrugada.

Próxima, a atração da ponte.

A moça lê um comunicado.

*(Partitura com motivos modernos  
Vozes universais.)*

VIDA — Despertei  
a grama,  
o girassol,  
e o leopardo,  
e eu mesma afiei as garras do tigre,  
na iminência do salto.

Na minha palheta  
de assombro e silêncio  
fui combinando tons  
e arrancando contrastes.

Uni as águas entre si, e  
dei ao vento  
incumbências de amor  
insuspeitadas.

Um hóspede  
de imagem sensível  
chegaria para crescer seus filhos  
e era preciso  
dispor as pedras  
e as cascatas  
e as fontes  
para o primeiro dia  
exaurido em consciência.

Cataloguei mil flores  
e arquitetei os frutos  
para o ato inteligente  
que iria extrair das arcas  
trogloditas  
o tesouro guardado.

Meu hóspede  
teria que ver  
o começo da mata  
aflorando da espuma  
onde assoprei  
murmúrio e sonho.

DESTINO — Eu sugeri no enorme  
mapa  
os primeiros caminhos.

Distribuí atrações  
entre picos  
e abismos  
e fixei passagens  
entre escarpas  
e onda,  
para infundir roteiro.

Dei a cada região  
panorama diverso,  
ora cratera e flor,  
ora rocha e torrente,  
para atrair escolha,  
e incentivar impulso.

O hóspede saberia aprender  
os caminhos pensados,  
e os filhos do hóspede  
povoariam o mundo  
com raças diversas,  
para que tenso e sutil  
fosse o encontro comigo.

E para preservar  
arremetida e encanto,  
me dissolvi  
no instinto  
e na memória.

MORTE — Minha incumbência  
repousa no limite,  
asa que voa e se transforma  
em cores.

Lentamente, preparo  
monólogos fugazes,  
sem gases, nem torturas.  
Nem ciladas.

Tenho gestos de vida  
enquanto a vida  
se esgota e se renova  
plena e sempre.

Meus gênios povoam  
os pequenos silêncios  
com seus avisos de consolo  
permanentes,  
pois minha ação  
precisa distanciar-se  
do pânico imperfeito.

Distribuí-os  
nos pontos perigosos,  
como sombras,  
vigilando as realidades  
transitórias.

MOÇA — Esta casa é um resíduo  
da infância,  
berço de sonho e pranto.

A minha casa,  
um retângulo azul  
onde transito.





Passos que se extinguiram  
em corredores,  
vozes ainda ouço,  
me chamando.

Velha e encurvada,  
entendo seus estalos,  
seus suspiros,  
e o mistério que  
guarda nessa ponte  
sempre com jeito de ser coisa nova.

A casa é como a pele e como o espelho.  
E eu me entendo figura  
nesta casa.

Ao redor desta casa é o cemitério,  
tudo onde foi  
cinema,  
igreja,  
e mesmo o meu colégio destruído.  
Só perdura o quartel  
subterrâneo,  
estendendo seus braços  
camuflados,  
os seus olhos perfeitos  
e os seus ouvidos  
esticados em milhas perigosas.  
A casa  
posto exausto,  
e eu,  
participante da voragem.

CORO

IMUTÁVEL — Na guerra não há tréguas.  
Vale na guerra a ação! Não a palavra!

MOÇA — Na realidade, tenho o pensamento  
equilibrado  
na linha de lágrima que esboça  
o perfil do nada.

É aqui onde me distendo  
num ritmo dissonante,  
e onde, exausta,  
apanho o trombone  
do palhaço que passa  
como um cadáver,  
ladeira acima,  
para tentar o riso e o soluço.

É aqui onde escuto também  
o ruído quadrilátero  
das botas que carregam os homens  
de porte marcial  
e queixos de ferro,  
como se a marcha os levasse  
para a glória  
e os devolvesse belos.

É aqui onde chega  
o murmúrio das rezas  
em que se encolhe o tédio  
ferido de morte.

Da palavra e da dança  
que pertencem aos vivos  
colho a síntese da multidão  
num frasco que transborda  
por dentro e por fora  
como um filho.

Como posso dançar  
para reter o que se escapa?

Como posso dançar  
para suportar o que deprime?

Como posso dançar  
para compreender o que não compreendo?

Sinto que a palavra se dilata  
para devolver em estímulo  
a corda que não comprimirá  
as jugulares  
vencidas pela incoerência.

Percebo que a palavra  
irrompe contra os muros  
calados pelo que vive de tocaia  
nas consciências de chumbo.

CORO

IMUTÁVEL — Que poderosos os muros  
onde rolam fuzilados!

MOÇA — Quando posso,  
abro as janelas  
onde calou adeus  
e ternura.

Mas a ponte está triste  
numa noite sem dia  
em que voam obuses  
que semearão olhos e braços.

MORTE — Meus métodos seguros  
têm ação permanente  
e inflexível,  
num lento preparo  
à mão que estendo.

Tentáculos transparentes  
se acercam, polimorfos  
sobre todas as coisas.

Meus gênios  
eliminam o antigo  
no decurso de séculos.

Primeiro é a flor,  
depois o caule  
por último é a raiz  
que se dilui  
na terra,  
pois que nada perdura.

São eles que cercam as tempestades  
mas ferem o dia  
o luar e o vento.

Preocupa-me  
a transformação  
perfeita e pura  
que não gera angústia.

Onde passo  
deixo um resíduo  
de fim,  
uma nota ou uma escala  
que poucos apreciam.

As metáforas vivas  
que me anunciam perto,  
clamam estudo e crítica.

Mas os loucos  
querem se anteceder  
às mutações que eu traço.

MOÇA — Já recebi o dia  
a hora  
o instante  
o ângulo  
e a força  
que transformarão  
meu gesto  
antes de amor  
num fulgurante cataclisma.

E ninguém pensa  
que minhas mãos onde não coube o beijo  
libertem o salto de bronze  
que se banha de infinito  
antes de destruir  
montanha e cidade.  
Mas já disse que não.

DESTINO — No penúltimo dia de julho  
chamar-te-ão pelo número  
e então caminharás  
no ritmo dos delinquentes  
te aproximando da sentença

Antes, dirão de ti  
as coisas que não foste,  
e haverá testemunhas  
oculares que terão visto  
o que não vi,  
e te atribuirão  
o crime  
porque leram  
o que não escreveste,  
e hão de provar que és má  
e terrível,  
como nem é a hiena,  
porque o conceito do bom  
só vinga no que é bom  
e o conceito do mau  
se nutre  
do que é mau.

VIDA — Fiz nascer o cisne,  
o cipreste e a urze.  
Deixei crescer  
a rosa e a urtiga  
e os pólenes cavalgaram os ventos,  
em direção  
do vinho e do ácido.  
Espalhei meus tapetes vegetais  
onde os passos marcariam  
as horas de encantamento,

e a tragédia do tufão  
que secaria as plantas  
e os camelos.

Penetrei protoplasma  
e átomo  
para povoar o pensamento  
de enormes conquistas.

Dei para o homem perdido no tempo  
tudo que precisou  
para ser grande  
e ínfimo.

Mas houve um turbilhão  
no mar tranquilo das ideias.

MOÇA

NA PONTE — Imensa mão de sombra,  
a noite fechou-nos, Chico,  
no seu côncavo  
de concha  
lambida pela maré.

Troquemos ideias,  
como beijos.

Misturemos angústias,  
como cópulas.

Descansemos os braços  
crucificados  
nos pontos cardeais.

O vendaval arrebatou-nos  
e fomos pássaros soltos  
no redemoinho de areia  
e de nuvens.

Descemos na ilha deserta  
onde pululam homens  
de rosto embrionário.

Deste-me as mãos  
para que víssemos saltar peixes  
com os olhos de  
cravos vermelhos  
em marcha para as estrelas mortas.

Mas há um tumulto  
de sombras  
e resinas.





Tua forma  
é uma mensagem  
póstuma  
jogada pelos náufragos  
temerários.

Teu desejo  
é um impulso  
perdido  
nas escavações do relâmpago.

Então, senta-te,  
ou desliza,  
já que não respondes.

Desperta tuas letargias  
ocultas em todo os teus recantos.

Deixa teus abandonos  
que te levaram,  
como a vida carrega hoje teus resíduos  
de homem.

Todos estamos no prólogo do tempo,  
e as tardes  
já se fundiram  
em densos carvões noturnos.

Todos estamos nas vésperas  
da criação  
e não podemos  
andar oprimidos de mitos.

Todos estamos contagiados de inércia.  
Mas há uns poucos que entenderão  
o salto vertiginoso  
estancado no arco  
ante a palavra  
liberta  
anunciando o começo!

#### CORO

IMUTÁVEL — Na guerra, não existe sacrifício!  
A paz é consequência da conquista!

VIDA — Entre a formiga da mina  
mais profunda,  
entre o peixe  
ainda desconhecido,  
e a estrela  
cuja luz não chegou  
neste canto do mundo,  
dissolvi meu caminho.

Zéfiro carregado de tormenta  
ou placidez,  
ando meus passos  
de geração em geração  
para o futuro.

Nascida do infinito  
me transfiguro  
em pérola ou sentido.

Certo que não me entendem,  
pois presido,  
através do que existe,  
simplesmente;  
quase incorpórea, não me incorporasse  
no beijo,  
na inquietude,  
na pesquisa.

Certo que não me entendem,  
que o mistério  
tem malhas  
que os instrumentos não acusam.

Mas prossigo.

Depois do esquecimento,  
outros virão,  
e tudo recomeça ante meus olhos:  
o mundo deslumbrado,  
o fetichismo,  
descobrimo-me em deusas ressurgidas.

De repente, sacrílegos  
se vestem  
com símbolos dourados  
que me lembram,  
e novamente o mundo submerge.

Então, outros clamores se condensam,  
foge a felicidade,  
mãos de sonho  
se dilaceram, lívidas em grades.

Torturados e secos,  
me recusam.

Rebelados e lúgubres  
me deixam.

Porque fui o que sou  
em desespero  
tanto quanto me impus  
como esperança.